

Artigo Individual: A alteridade e a Educação Ambiental.

No texto “Alteridade” de Makiuchi (MMA, 2005), onde a autora apresenta que a alteridade é o que nos caracteriza como humanos, pois “Somos o que somos porque o outro existe e sua existência nos afirma”, esta reafirma minha utopia de que de nada somos donos e que todos juntos somos integrantes e modificadores do meio que nos rodeia.

Somos seres individuais e coletivos, solitários e sociais. Somos parte da natureza e dela somos fruto e também responsáveis, porém este despertar só se faz com incentivo, o elo entre o homem-natureza embora devesse ser natural é algo que precisa ser cultivado. A alteridade com a natureza e todos que dela pertence necessita de sensibilidade, de cuidado e cativo.

O elo homem-natureza não apenas desperta o homem para o desfrute e interatividade com a mesma como também o alerta sobre sua preservação. Não é de hoje que este pensamento rodeia as mentes humanas como comprova John McCormick (1992) em seu livro “Rumo ao Paraíso: A História do Movimento Ambientalista”, ao citar a migração dos povos sumérios há 3.700 anos devido a salinização das terras agrícolas, ou o desprezo de Platão pelo desmatamento e erosão do solo.

Como o autor bem lembra, o uso inadequado dos recursos naturais não são recentes, porém apenas com o avanço da ciência, o desenvolvimento de pesquisas e o reconhecimento de que o próprio homem será afetado devido à limitação de recursos e distúrbios ambientais, alguns grupos de ambientalista apareceram pelo mundo e o número desses grupos só aumentam.

Para agregar força e incentivo à estes elos do homem e o que o rodeia encontramos a Educação Ambiental, que nos desafia à mudanças de hábitos, que nos torna responsáveis e ativistas das mudanças que queremos ver, reafirmando a ideia de viver e aprender juntos (Sauvé, 2016), lembrando o conceito de alteridade. Além de tentar nos orientar quanto aos aspectos ambientais e o consumo responsável dos recursos naturais, a EA amplia nosso olhar

para outros aspectos necessários para o convívio humano e sua interação com o meio. Essa se preocupa com o desenvolvimento de uma democracia participativa justa com equidade social, com a qualidade de vida dos indivíduos, com acesso à educação, saúde (física e emocional), segurança e lazer.

Em nosso cenário atual, embora seja evidente o aumento de movimentos ambientais e políticas de educação socioambientais, também é clara a falta de empatia de alguns para com o outro, a intolerância nas conversas que não conseguem se desenvolver em debates e a insuficiência de argumentos que colaborem para um desenvolvimento coletivo e não individual de minorias. É fato que esse tipo de pensamento e atitude se desenvolveram após eventos de frustrações (econômicas, políticas e pessoais) individuais ou até mesmo devido ao personalidade de alguns, porém seus reflexos atingirão o coletivo.

Diante dessa realidade cabe a todos nós refletirmos sobre nossas interações com o próximo e com o meio, em tentarmos desenvolver mais máximas ou mínimas intervenções políticas que motivem o nosso entorno à mudanças que priorizem o bem estar coletivo, à responsabilidade individual e coletiva, o respeito com o próximo e com a natureza, que priorize a relação educador-educando e que nos politize sobre o consumo de bens e materiais. Além do incentivo à da capacitação de educadores socioambientais e disseminação de suas atividades e intervenções.

Dessa forma relembremos nosso pertencimento à natureza, melhoramos nossas interações e realçamos nossa essência humana.

Referências:

Mccormick, John. Rumo ao Paraíso: A História do Movimento Ambientalista. Rio de Janeiro, Relume Dumará, p.16-18, 1992.

Ministério do Meio Ambiente. Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília, p. 29-35, 2005.

Sauvé, L. Viver Juntos em Nossa Terra: Desafios Contemporâneos da Educação Ambiental. Montréal, Universidade de Québec à Montréal, 2016.

Nota do artigo individual: 7,50.

Durante o caminhar da disciplina pude notar o quão vaga era minha percepção de EA e sobre o trabalho do educador socioambiental. Juntamente com os textos disponíveis e as conversas em sala de aula pude ampliar minha visão sobre essa área tão importante para o desenvolvimento pessoal e coletivo de todos nós. Pude também desenvolver a capacidade de tentar me auto rever em falas e atitudes, que embora antes eu jurar estarem corretas não estavam sendo corretamente expressas o que dificultava minha forma de expressão e sua compreensão. Além de aprender diversas atividades didáticas.

Quanto ao artigo acredito ter feito o melhor que pude com o que absorver das leituras e das atividades em sala, embora um semestre seja pouco para a amplitude do assunto foi o suficiente para aumentar minha compreensão sobre o assunto. Embora esteja satisfeita com meu texto (ortografia, assunto e argumentos) e com minha postura durante as aulas (participação e desenvolvimento de atividades) acredito que uma compartilhamento (do texto) apenas entre meus colegas de classe e o senhor responsável pela disciplina no momento seja mais adequada, devido à falta de experiência da autora no assunto.

Sendo assim chego ao fim da disciplina satisfeita e agradecida pela informações e experiências compartilhadas, tanto pelo professor por sua dinâmica diferenciada e disposição para com os alunos e os diversos temas trazidos, pelos visitantes que trouxeram ótimos temas, discussões e atividade e não menos importante pelos meus colegas de classe por compartilharem suas experiências e ideias.